

Plan. Brasil

## Um crescimento sem surpresas

ESTADO DE SÃO PAULO

Seria a inflação alta o fator do crescimento econômico? Tal pergunta se impõe ao verificar-se que, vencida a segunda quadra trimestral, a estimativa do IBGE acusa o maior crescimento de um trimestre para outro desde 1980, com 6,8%. As estatísticas, contudo, podem ter muitas vezes leitura bem diferente; conforme costuma lembrar o senador Roberto Campos, escondem o essencial. No momento, o fundamental é que se mantenha um crescimento negativo em termos per capita, e que o verdadeiro não se meça pelo consumo, mas pelo volume dos investimentos.

As estatísticas do IBGE indicam uma retomada do crescimento no segundo trimestre. Ao contrário do que se possa julgar, tal resultado não representa nenhuma surpresa: quem acompanha os indicadores econômicos sabe perfeitamente que houve, a partir do Plano Verão, forte reação das vendas varejistas, a qual, com certa defasagem, atingiu o setor industrial, que continua em ascensão a uma taxa elevada.

Deve-se lembrar que ao crescimento do segundo trimestre anteciparam-se três trimestres de

queda. O que emerge do salto de 6,8% é, essencialmente, uma recuperação que está longe de constituir um boom econômico. Para que nos convençamos disso bastará verificar que, em termos anuais (isto é, nos últimos 12 meses), o crescimento do PIB acusa a mediocre performance de 0,3% (o que permite voltar ao nível de 1988), para um crescimento demográfico de 2,2%. Isso significa que o PIB per capita continua negativo. Ainda que se mantenha até o final do ano um bom desempenho, será muito difícil conseguir um crescimento do PIB per capita positivo para o exercício. O que vale dizer que o PIB per capita será ainda inferior ao de 1980!...

Teria sido a inflação registrada nos últimos meses a causa da recuperação econômica? Inclina-mo-nos a responder afirmativamente, desde que se defina o que vem a ser crescimento. Como em 1986, no Plano Cruzado, o congelamento dos preços provocou aumento da demanda no varejo. Num primeira fase, o comércio utilizou seus estoques, tendo, logo depois, de aumentar os pedidos à indústria, que continua a receber

encomendas elevadas enquanto se observa ligeira (e provavelmente provisória) queda nas vendas comerciais. Tal elevação realizou-se em clima de altíssima liquidez, enquanto persiste um sistema de escala móvel de salários que, embora estando um tanto atrasados em relação à inflação presente, alimentam a demanda. O que promoveu o crescimento foi o clima inflacionista. Sabe-se o quanto isso é frágil.

Estamos chegando a uma situação perigosa: a indústria, na sua quase totalidade, está lançando mão de toda sua capacidade de produção. Um novo aumento da procura pode traduzir-se por uma escassez da oferta: a "inflação do governo" (déficit público) se acrescentaria uma inflação da demanda.

Não se pode negar que, no presente momento, o setor industrial privado voltou a investir. São investimentos em maquinaria que visam mais à modernização dos equipamentos do que ao aumento da capacidade de produção. Sabe-se, no entanto, que tal modernização sempre permite, na margem, ampliar a oferta de bens. Os industriais estão-se convencendo

de que, hoje, a melhor aplicação dos recursos disponíveis é a realização de investimentos. Verifica-se que grandes grupos estão pensando em investimentos pesados. Deve-se registrar, porém, que até agora as empresas multinacionais — que nunca cessaram de investir — mostram-se mais prudentes do que no passado.

Existe todavia um drama: o setor público não está investindo, e a séria ameaça que paira sobre a economia nacional traduz grave desequilíbrio entre o crescimento da indústria privada, o sucateamento de nossa infra-estrutura e a insuficiência de bens intermediários, quando se depende da produção das empresas estatais.

A alta taxa de inflação favorece, sem dúvida, as aplicações especulativas, conforme ocorre na construção civil de luxo. Mas não permite investimentos em energia, em transporte, em usinas de aço etc....

Não nos iludamos diante dos resultados publicados pelo IBGE, tal como mais uma vez acaba de fazê-lo o presidente José Sarney que, após leitura superficial das estatísticas, passou a afirmar: "O nosso PIB é o maior da década"...